

**JOÃO DO RIO E “CORDÕES”:
UM DESFILE LIBERTADOR DE SUBJETIVIDADES**

Karen Miranda (UERJ)
mirandakren@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca analisar “Cordões”, crônica de João do Rio [Paulo Barreto 1881–1921] escrita e publicada no ano de 1908 em jornais de circulação do Rio de Janeiro, de modo a explorar os efeitos do carnaval sobre os sujeitos. Tal análise terá enfoque nas reações provocadas nos corpos, isto é, que tipo de sensações e sentimentos o carnaval despertava nos indivíduos e como elas eram expressas através de seus corpos, libertando subjetividades oprimidas no decorrer do ano. Fará parte da análise a maneira como o autor aciona o olhar do leitor sobre da história e a importância dos festejos, fazendo uso de recursos linguísticos e literários, articulando temas e apresentando uma linguagem híbrida que mescla o popular com o erudito de maneira a atingir diversas classes da população.

Palavras-chave:

Carnaval. Subjetividade. Rio de Janeiro.

ASTRATTO

Questo articolo cerca di analizzare “Cordões”, una cronaca di João do Rio [Paulo Barreto 1881–1921] scritta e pubblicata nel 1908 sui giornali in circolazione a Rio de Janeiro, al fine di esplorare gli effetti del carnevale sui soggetti. Tale analisi si focalizzerà sulle reazioni provocate nei corpi, cioè che tipo di sensazioni e sentimenti il carnevale ha suscitato negli individui e come si sono espressi attraverso i loro corpi, liberando soggettività oppresse durante tutto l’anno. Parte dell’analisi sarà il modo in cui l’autore attiva la prospettiva del lettore sulla storia e l’importanza delle celebrazioni, avvalendosi di risorse linguistiche e letterarie, articolando temi e presentando un linguaggio ibrido che mescola il popolare con l’erudito per raggiungere varie classi della popolazione.

Parole chiavi:

Carnevale. Soggettività. Rio de Janeiro.

1. Introdução

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos ou para os mais próximos João do Rio foi um célebre jornalista, cronista, contista e teatrólogo carioca. Ingressou cedo no mundo literário e jornalístico com apenas dezesseis anos, começou a trabalhar em jornais da cidade onde nasceu tornando-se notável, pelo seu trabalho que expressava as matizes da cidade de São Sebastião.

João do Rio relatou testemunhos da cidade, a até então capital brasileira, durante a época que viveu (1881–1921). Teve notoriedade por descrever com maestria o espaço e a sociedade, na conhecida época do *Belle Époque*, fazendo com que sua obra tivesse importância para a compreensão das relações humanas tanto na sua época como nos tempos atuais.

Uma nova estética de remodelação ocorria tanto nos prédios da época monarca, quanto nos comportamentos, nos modos de pensar, em suma, nas formas de ser e estar do sujeito urbano. Tal reestruturação se deu a partir da inserção de estímulos portados pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Dessa forma, tanto os meios de comunicação, meios de entretenimento, os transportes, entre outros modificavam a forma com a qual os sujeitos viviam na cidade.

Durante essa época, João do Rio atuou enfaticamente, principalmente nos jornais, e descreveu as relações urbanas explicitando como os cidadãos se portavam diante das novas formas. Na coletânea “A alma encantadora das ruas”, o autor relata uma relação visceral, na qual homem e as ruas realizam juntos a construção da subjetividade. Uma relação que aborda tantos os indivíduos quanto o ambiente no qual eles viviam. Além disso, também descreve como esses indivíduos receberam essas mudanças e como reagem diante delas.

“Cordões” é a última crônica da obra supracitada, que reúne textos publicados na Gazeta de Notícias e da revista Kosmos durante o ano de 1908. Com uma linguagem híbrida, que mexe com as sensações dos leitores, fazendo uso da linguagem jornalística e sua característica ágil, o autor relata tal relação sob o viés da maior festa brasileira: o Carnaval.

João do Rio em “Cordões” narra o carnaval de dentro da festa, uma festa a qual se vê o transbordar dos sujeitos através do mover dos corpos. Tudo aquilo que é contido durante todo o ano é mostrado de forma exuberante e de certa forma libertadora. As máscaras nesse período do ano caem e os indivíduos podem expor seus desejos, vontades, pensamentos e se comportarem de forma desmedida. Em “Cordões” o leitor entra na dança sem pedir e nem esperar. Tal crônica é uma representação de uma característica muito marcante de João do Rio: a relação íntima e sensível entre o narrador e o leitor.

2. A relação entre o narrador e o leitor

O narrador, aqui, se encontra no centro da cidade, no meio da festa, rodeado por uma multidão que troca experiências, se choca, que faz amizade e inimizades, que traz às ruas a tristeza e a alegria, que canta, que dança e se liberta em meio a maior e mais famosa festa do país: O carnaval. Ele empurra o leitor de maneira abrupta para o lugar onde se encontra e o faz viver aquela festa de maneira brusca, áspera e repentina

A crônica inicia-se com uma epígrafe que traz a citação de uma das mais famosas marchinhas de carnaval: Ó abre alas, de Chiquinha Gonzaga. A canção composta no século XIX abre portas para o relato que se dá através de uma conversa na qual se vê um interlocutor, um folião estudado sobre a cultura e as emoções que o carnaval porta consigo e o narrador, um sujeito resistente e em alguns momentos avesso à festa. Dessa maneira, ambos são empurrados para dentro da turba e puxam o leitor junto com eles percorrendo a história do carnaval carioca enquanto rufam os tambores que dão ritmo para os foliões dançarem.

Os personagens guiam o leitor não só a conhecer a festa através de suas respectivas visões, sensações e sentimentos, mas também conduzem àqueles que leem, a história do carnaval enquanto se usufrui de todas as sensações da passagem do cordão, pois João do Rio em algumas passagens do texto apresenta um personagem didático, que é amigo do narrador e que faz o papel de um interlocutor, explorando historicamente o percurso do carnaval carioca. Dessa maneira, o leitor é imerso em uma experiência física, intelectual e cultural.

3. Carnaval: momento de liberdade.

Esse era, e ainda é, o período do ano no qual as mais profundas vontades libertavam-se e caminhavam pelas ruas. Os sujeitos permitiam-se mostrar faces que não eram vistas durante todo ano, intelectuais entregavam-se à turba, homens concediam sua força e energia, mulheres concediam suas versões mais despojadas. A festa convidava às ruas tudo aquilo que se escondia nos interiores das subjetividades. Os cidadãos saem às ruas para celebrar frenética e desenfreadamente qualquer coisa que se-ja.

Dessa forma, os componentes da rua se curvam para ver os cordões passarem, isto é, as fachadas se enfeitam, havia confetes e serpentinas. A rua se modificava com adereços e novas tecnologias, como a ele-

tricidade, de modo a contribuir com a festa e junto ao homem faziam o desfile passar.

A luz foi um elemento importante da época, pois ela revelava aquilo deveria ser seguido, exaltava as novas tendências internacionais, re-luziam os produtos, dava enfoque às novas formas de ser e estar. Durante o carnaval essa mesma luz elétrica é mais forte e brilhante ao ponto de destacar o que acontecia na festa, mas ela revelava tudo aquilo que ficou contido durante o ano. De tal maneira, que ela é compatível a festa, tornando-se ácida e galvânica aos olhos daquele que vê o carnaval como algo desagradável.

No alto, arcos de gás besuntavam de uma luz de açafraão as fachadas dos prédios. Nos estabelecimentos comerciais, nas redações dos jornais, as lâmpadas elétricas despejavam sobre a multidão uma luz ácida e galvânica, que enlivedescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos *confetti*, que, como um irisamento do ar, caíam, voavam, rodopiavam. Essa iluminação violenta era ainda aquecida pelos braços de luz *auer*, pelas vermelhidões de incêndio e as súbitas explosões azuis e verdes dos fogos de Bengala; era como que arrepiada pela corrida diabólica e incessante dos archotes e das pequenas lâmpadas portáteis. (DO RIO, 1908, p. 122)

O narrador e seu interlocutor se encontram no meio da Rua do Ouvidor vendo homens, mulheres e crianças passarem fantasiados exalando em seus poros todos os sentimentos despertos pela liberdade proposta pela festa. Nesse momento ele apresenta sua perspectiva a tudo isso que vive, perspectiva esta que porta toda sua repulsa, seu desagrado e seu descontentamento perante a tais comportamentos, tanto das ruas quanto dos homens.

O narrador, aquele que inicia a história se mostra avesso ao carnaval, vê isso com algo negativo, pois descreve a modificação fazendo uso de palavras que a depreciam, tais como ácida, violenta, diabólica, entre outras. Ele rejeita tanto a festa popular que até a luz que a ilumina se torna algo a ser criticado e depreciado.

João do Rio em suas crônicas mexe com a imaginação do leitor fazendo uso de estratégias literárias tais como a sinestesia, ou seja, ele faz uso de uma escrita que porta aos leitores elementos que aguçam os sentidos humanos. Em “Cordões”, não ocorre de maneira diferente. O narrador, mais uma vez, demonstra seu descontentamento através dos cheiros, do toque e da audição.

Serpentinas riscavam o ar; homens passavam empapados d'água, cheios de *confetti*; mulheres de chapéu de papel curvavam as nuças à etila 81 dos lança-perfumes, frases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, misto de perfume barato, fartum, poeira, álcool, aquecia ainda mais o baixo instinto de promiscuidade. (Cf. DO RIO, 1908)

Vale aqui ressaltar que o narrador abriga-se afastado da turba após sentir um alarme de perigo diante de um “cordão que vinha assustador” (DO RIO, 1908, p. 123). Um cordão que é descrito com características animais e selvagens. Ele descreve um personagem como um negralhão coberto de penas, homens carregando serpentes vivas, lagartos enfeitados e jabutis aterradores (Cf. DO RIO, 1908) que lhe causam medo e assombro, o que explica sua busca por abrigo.

Abriguei-me a uma porta. Sob a chuva de *confetti*, o meu companheiro esforçava-se por alcançar-me.

— Por que foges?

— Oh! estes cordões! Odeio o cordão.

— Não é possível.

— Sério! (DO RIO, 1908, p. 123)

Após esse momento, o cronista mostra o outro lado da moeda: O personagem que atua como o interlocutor, o amigo que ama o carnaval. Para ele, a gente suada, as religiões das ruas todas juntas convivendo no curto período das festas, os prazeres e desejos, a folia, a cólera urbana e todos os sentimentos convergindo e coabitando nos espaços da cidade fazem parte do ser humano, fazem parte da história do povo e por isso, tais manifestações, não devem ser vistas como olhos tão duros, críticos e depreciativos.

Com a opinião de duas pessoas que pensam diferente, o cronista faz uso de uma tática interessante, na qual o leitor faz a medição entre os contrapontos e decide qual lado apoiar. Mais uma vez o cronista incluiu os leitores na crônica, entretanto, dessa vez de uma maneira sutil, como se disse: “E você leitor, o que pensa do carnaval?”.

Em “A rua”, crônica que abre “A alma encantadora das ruas”, o narrador menciona a religião das ruas como elemento importante que une homens aos espaços da cidade. A religião é uma das maneiras pela qual o homem transcende sua alma ao conectar-se com o divino. O carnaval carioca traz essa transcendência como se os indivíduos tivessem suas almas deslocadas de seus corpos e depositadas nas ruas da cidade.

— Mas que pensas tu? O cordão é o carnaval, o cordão é vida delirante, o

cordão é o último elo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sob a belutina e o reflexo discrômico das lantejoulas, tradições milenares; cada preta bêbada, desconjuntando nas tarlatanas⁸⁵ amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Biblos pela época da primavera e a fúria rábida das bacantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apoteose incomensurável do rumor, de os respeitar, entoando em seu louvor a “prosódia” clássica com as frases de Píndaro — salve grupos floridos, ramos floridos da vida... Parei a uma porta, estendo as mãos.
— É a loucura, não tem dúvida, é a loucura. Pois é possível louvar o agente embrutecedor das cefalgas e do horror? (DO RIO, 1908, p. 124)

Nos “Cordões” não há modelos a seguir, as ruas que ditam moda, forma e jeito, nesse momento de festejo abrem mão dos padrões e acolhem todos e os fazem compartilhar espaços. Tal libertação das almas humanas durante o período do carnaval expõe a esses seres a plenitude de suas humanidades. O homem tem suas cóleras, maldades, excessos, seus defeitos, assim como possui suas qualidades, alegrias, bondades e tudo isso faz com que o ser humano seja fascinante. O horror faz parte da humanidade tanto quanto sua beleza e nos “Cordões” a festa permite que os sujeitos extravasem suas versões que estavam presas durante todo o ano, as quais por vezes são destoantes da sociedade moderna:

— Eu adoro o horror. É a única feição verdadeira da humanidade. E por isso adoro os cordões, a vida paroxismada, todos os sentimentos tendidos, todas as cóleras a rebentar, todas as ternuras ávidas de torturas. (DO RIO, 1903, p. 124)

Além de ser uma festa que transpira liberdade, o carnaval também resiste ao passar dos tempos, afinal é uma expressão da vida humana, logo, a partir de seu nascimento, o carnaval percorre sua jornada junto com o homem. Segundo o interlocutor essa característica perene do carnaval é devido a existências dos cordões. É uma das raízes culturais do carioca e por ser um pilar da constituição desses sujeitos urbanos, permanece.

Há em todas as sociedades, em todos os meios, em todos os prazeres, um núcleo dos mais persistentes, que através do tempo guarda a chama pura do entusiasmo. Os outros são mariposas, aumentam as sombras, fazem os efeitos.

Os cordões são os núcleos irredutíveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e bárbara do Rio. (DO RIO, 1908, p. 124-5)

4. *Erudito X popular*

O interlocutor toca em um ponto da cultura que faz interseção tanto com o carnaval quanto com a religião: a dança. Segundo ele, a dança é uma forma de cultura provinda dos templos religiosos. Todos os movimentos posteriores são uma releitura desses primeiros passos. Desde as danças clássicas até as danças populares são descendentes das danças religiosas realizadas nos espaços de culto.

A dança é muito citada no período da modernidade, pois ela era o movimento, o rodopio e às vezes a vertigem. Além de ser uma manifestação cultural que transpassava classes sociais, a dança traduzia características da época. Acompanhado o ritmo da vida, a dança representava o ritmo das cidades e no carnaval ela transcendia tempos, classes e religiões. Sobrepondo-se sobre todos esses.

Aqui, no relato sobre a dança, os leitores podem mais uma vez encontrar característica de João do Rio, a inserção de uma reflexão em meio à crônica. O narrador está no meio da turba, junto ao seu amigo, recebendo um monte de estímulos, mas está lúcido. O cronista diversas vezes em suas obras insere reflexões sobre o tema assim como explicações históricas portando ao leitor uma experiência rica e completa.

— Eu explico. A dança foi sempre uma manifestação cultural. Não há danças novas; há lentas transformações de antigas atitudes de culto religioso. O bailado clássico das bailarinas do Scala e da Ópera tem uma série de passos do culto bramânico, o minueto é uma degenerescência da reverência sacerdotal, e o *cakewalk* e o *maxixe*, danças delirantes, têm o seu nascedouro nas correrias de Dionísios e no pavor dos orixalás da África. A dança saiu dos templos; em todos os templos se dançou, mesmo nos católicos. (DO RIO, 1903, p. 125)

Os argumentos carregados de elogios assustavam o narrador, tanto que este chega a questionar a sanidade do amigo com o qual conversa. Enquanto esse amigo falava a turba vinha atrás como se ilustrasse tudo aquilo que era narrado. Aqui, mais uma vez o medo daquele que narra o ocorrido é exposto e esse diz estar receoso ao que era contado, pois se tratava do relato de uma cultura desprestigiada, a qual era menosprezada.

Mais uma vez a crônica revela um preconceito em relação a cultura não européia encontrada nas ruas. Esse medo disfarçado de preconceito o faz mais uma vez ter o impulso de correr, fugir do meio da multidão, mas é impossibilitado por mais um cordão que passava. Nesse momento ouvem-se o canto das ruas interpolando as falas do amigo. Diante da turba, em meio aos sons dos instrumentos, com seu amigo gesticulando e

explicando o carnaval e a dança de folia, eles prosseguem seu recorrido pela história do carnaval, chegando a sua origem: o continente Africano.

— O Carnaval é uma festa religiosa, é o misto dos dias sagrados de Afrodita e Dionísios, vem corado de pãmpanos e cheirando a luxúria. As mulheres entregam-se; os homens abrem-se; os instrumentos rugem; estes três dias ardentes, coruscantes são como uma enorme sangria na congestão dos maus instintos. Os cordões safram dos templos! Ignoras a origem dos cordões? Pois eles vêm da festa de N. S^a do Rosário, ainda nos tempos coloniais. Não sei por que os pretos gostam da N. Sa do Rosário... Já naquele tempo gostavam e saíam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, pajens, de guardas, tocando instrumentos africanos, e paravam em frente à casa do vice-rei a dançar e cantar. De uma feita, pediram ao vice-rei um dos escravos para fazer de rei. O homem recusou a lisonja que dignificava o servo, mas permitiu os folguedos. E estes folguedos ainda subsistem com simulacros de batalha, e quase transformados, nas cidades do interior. (DO RIO, 1903, p. 125-6)

O fato dos cordões de carnaval serem uma manifestação popular já gerava por si só inquietude em uma parcela populacional que não admitia tais comportamentos, tê-lo associado a manifestações da cultura e religião africana acentuava essa intolerância. O negro foi considerado por séculos um sujeito inferior, após a libertação dos escravizados o preconceito, os maus tratos e a intolerância permaneceu pelos séculos posteriores à Lei Áurea. João do Rio aborda esse tema de maneira singular ao vestir as falas de um de seus personagens com esse tema. Em cordões, como dito anteriormente, as máscaras caem e o horror é exposto, inclusive o preconceito mais oculto.

João do Rio, também, tem em sua escrita a característica de brincar com a linguagem, nessa crônica vê-se também um desfile linguagens. Há em cordões a fala do povo cantada nas marchinhas, estrangeirismo nomeando objetos e danças, palavras cultas que tecem explicações culturais e histórias. A linguagem usada na crônica é uma linguagem híbrida que mescla o popular com o erudito de maneira a atingir diversas classes da população.

Dessa maneira, vêem-se na crônica palavras em francês e em latim, tais como *Confetti* e *fartu*. Ao que se sabe o uso do francês era característico às pessoas letradas, à sujeitos que viajavam a França para aprimorar os seus estudos e voltavam com elementos estrangeiros considerados refinados. Logo, quem falava francês era associado à erudição. O narrador também cita em algum momento que os foliões usam “‘a prosódia’ clássica com as frases de Píndaro” (DO RIO, 1908, p. 125), fazendo referência a um poeta grego. Em “Cordões” é possível ver esse traço e-

rudito na fala do interlocutor, pois esse analisa as marchinhas de carnaval comparando-as com as poesias simbolistas. “– É admirável. Os poetas simbolistas são ainda mais obscuros. Ora escuta este, aqui do lado” (DO RIO, 1903, p. 126).

Há também a variação do português falado no Brasil, pois o narrador faz uso do gerúndio para expressar os movimentos que aconteciam no momento, ao relatar que “os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando” (DO RIO, 1903, p. 126), a crônica é marcada com brasilidade. Outra marca de uma linguagem popular é o corte de letras finais de algumas palavras, como “Portugá, nacioná” (DO RIO, 1903, p. 127). Também se pode ver a marca do povo nas palavras de origem africana, tais como *afoxé, atabaques, xequedés*.

A jornada dos dois amigos se entrelaça pela linguagem através dos substantivos próprios que nomeiam os cordões. Esses nomes, segundo um o interlocutor “vai-se detalhando aos poucos a alma nacional” (DO RIO, 1903, p. 129). Tais delatam características dos foliões, existem os teimosos, caprichosos, os vitoriosos e os triunfantes sem falar das riquezas nacionais como a fauna, a flora e as pedras preciosas.

Aos títulos dos cordões pode-se aplicar uma das leis de filosofia primeira e concluir daí todas as idéias dominantes na população. Há uma infinidade que são caprichosos e outros teimosos. Perfeitamente pessoal da lira: – Agora é capricho! Quando eu teimo, teimo mesmo! (DO RIO, 1903, p. 129)

A crônica se mostra, em João do Rio, um gênero dotado de riqueza, pois além de tratar temas sociais relevantes, traz essa mescla de linguagem. Só o fato de a crônica portar a letra das músicas populares já faz dela uma obra singular, pois é como se desse voz ao povo, possibilitando a esse um espaço literário onde de expressar. As letras são detalhadas, falam de temas sociais, questões políticas, amor, tristeza e raiva. Unidas aos ritmos do carnaval, as palavras vão formando harmonia expressando os sentimentos da multidão.

Como dito anteriormente, as crônicas de João do Rio eram publicadas nos jornais, um dos motivos que justificava a escrita em linguagem mesclada. Tais escritos faziam com que a crônica fosse lida por grande parte da população e aceita por essa, tornando o autor famoso pela população carioca.

4. *Amor que rima com dor*

Outra característica de João do Rio é revelar as mazelas da cidade. Ele enfoca a visão do leitor em pontos que são ocultados pelas luzes do espetáculo da modernidade. Em “Cordões” isso não se difere. Mais uma vez é revelada uma característica dos sujeitos da cidade do Rio de Janeiro, a resiliência. O carioca é até hoje conhecido por satirizar a própria dor e o carnaval não pode ser diferentes. Os cordões trazem marchinhas que falam de dor, em um lirismo refinado pode-se vê a tristeza em meio às festas.

E no meio daquela balbúrdia infernal, como uma nota ácida de turba que chora as suas desgraças divertindo-se, que soluça cantando, que se mata sem compreender, este soluço mascarado, esta careta d’Arlequim choroso elevava-se do “Beija-Flor”:

A 21 de janeiro
O “Aquidabã” incendiou
Explodiu o paiol de pólvora
Com toda gente naufragou
E o coro:
Os filhinhos choram
Pelos pais queridos.
As viúvas soluçam
Pelos seus maridos.

Era horrível. Fixei bem a face intumescida dos cantores. Nem um deles sentia ou sequer compreendia a sacrílega menipéia⁹² desvairada do ambiente, Só a alma da turba consegue o prodígio de ligar o sofrimento e o gozo na mesma lei de fatalidade, só o povo diverte-se não esquecendo as suas chagas, só a população desta terra de sol encara sem pavor a morte nos sambas macabros do Carnaval. (Cf. DO RIO, 1908)

Como dito anteriormente, o carnaval é uma festa que expressa a vida humana e todas as suas matizes. A arte presente nas danças, nas músicas e nos festejos do carnaval mescla essas vertentes humanas e as aflora. Assim, a tristeza surge em meio às alegrias do carnaval compondo a festa. Afinal a tristeza faz parte da vida tanto quanto a alegria e qualquer outro sentimento humano e nada mais justo do que participar da festa.

A liberdade concedida às subjetividades guardadas durante o ano faz com que o narrador tenha vertigem. O ritmo e a diversidade são tão intensos e densos que ele sente em seu corpo os impactos dessa inserção de estímulos. Ao expor suas próprias sensações o cronista representa uma parcela da população que não absorve as novas e diferentes formas de ser

e viver que promovem modificações em suas subjetividades.

— Vamos embora. Acabo tendo uma vertigem.

— Admira a confusão, o caos ululante. Todos os sentimentos todos os fatos do ano reviravolteiam, esperneiam, enlanguescem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga. Entretanto, homem frio, é o povo que fala. Vê o que é para ele a maior parte dos acontecimentos. (DO RIO, 1908, p. 128)

Seu amigo, por sua vez, se deixa levar em meio ao movimento, se regozija em meio à multidão e vê beleza no que o narrador chama de caos. Para ele, a festa carnavalesca é a oportunidade de viver os acontecimentos urbanos, a vida nas cidades. Ele tenta mostrar ao amigo sua perspectiva e fazê-lo ver outra face daquilo que tanto rejeita. Ao chamá-lo de “homem frio” diz que ele está insensível e relutante a festa que é do povo, que faz parte da história da cidade e de sua população.

5. *Ordem e desordem*

Outra questão que pode ser vista nessa crônica é representação da relação de ordem e desordem vivenciada, pois apesar de ser algo aparentemente caótico de se ver, os cordões são ordenados e organizados em sua preparação.

— A ordem na desordem?

— É um lema nacional. Cada cordão tem uma diretoria. Para as danças há dois fiscais, dois mestres-sala, um mestre de canto, dois porta-machados, um achinagú ou homem da frente, vestido ricamente. (DO RIO, 1908, p. 128)

“Cordões” revela através da voz do narrador o preconceito da sociedade acerca do que provinha do povo, isto é, a cultura das ruas é vista como algo de mau gosto, enquanto o interlocutor desconstrói tal conceito dizendo que há riqueza e beleza na produção cultural que nasce nas ruas. O cronista não só expõe o preconceito, mas também o problematiza através dos relatos histórico-culturais, mostrando que o carnaval, assim como a rua, faz parte do homem e é feito por ele.

Nessa crônica é possível ver em uma mesma cena diversas perspectivas. De um lado, aquele que abraça o caos e festeja com ele, do outro, aquele que não absorve e sofre com toda a sua constituição ao se deparar com esse caos. João do Rio, ao final do relato, deixa um vestígio de um conselho diante da nova realidade apresentada. O narrador avesso ao carnaval, ao fim, concorda com seu amigo e segue o cordão admitindo

que esse tem razão:

Oh! sim! ele tinha razão! O cordão é o carnaval, é o último elo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lascívia pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, bárbara, lamentável.

Toda a rua rebentava no estridor dos bombos. Outras canções se ouviam. E, agarrado ao braço do meu amigo, arrastado pela impetuosa corrente aberta pela passagem dos “Amantes do Sereno”, eu continuei rua abaixo, amarrado ao triunfo e à fúria do cordão!...(DO RIO, 1908, p. 132)

6. Considerações finais

Cordões é uma obra prima deixada por João do Rio para compor a história dos cariocas. Com riqueza de detalhes o cronista não só descreve uma das festas mais famosas do mundo como também apresenta uma aula sobre sua história e apresenta ao leitor de uma maneira muito singular todas as sensações experimentadas nas celebrações.

Como é característico do gênero crônica, “Cordões” descreve uma cena da rotina social do Rio de Janeiro. João do Rio com maestria apresenta a libertação de subjetividade que ocorre durante os festejos. Tal crônica facilmente poder ser ambientada nos tempos atuais, sofrendo algumas atualizações, devido minuciosidades e aproximação com a realidade cotidiana. João do Rio de maneira singular apresenta aos seus leitores essa diversidade, cultura fazendo-os refletir sobre os costumes e as imposições da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SENNET, Richard. *Construir e Habitar: Ética para uma cidade aberta*. Trad. de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020

RIO, João do [Paulo Barreto]. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (edição especial)